

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar  
LISBOA - PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Impressão e Esteriotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica ás segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2346

# A BATALHA



DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 60\$00; Estrangeiro, 6 meses 10250  
PAGAMENTO ADIANTADO

DOMINGO, 25 DE JULHO DE 1926

## As "fórcas vivas" vão querer reconheridos os seus direitos de espoliar a popularão

As "fórcas vivas" vão estando mais atrevidas, sem dúvida, por se sentirem já em terreno conquistado — e conquistado sem o menor sacrifício, sem a detonação de um tiro!

Elas ameaçam as caras regalias do operariado, os parcos recursos do consumidor, a brandura de toda uma população. Deliram, tornam-se loucas perigosas, na ânsia de tudo e todos dominarem, para monopolizarem o país, a vida da populaçāo, a terra, a água, o ar, a luz!...

Tudo fechado na sua mão, nos seus cofres. Tudo dominando do seu balcão. Que maravilha, sentirem-se forte e sós para reduzir uma população inteira que, reduzida a uma inumerável manada de gado laniger, teria de imolar-se à sua engorda.

Já não são, apenas, as oito horas, os salários, as condições de trabalho, que as "fórcas vivas" pretendem moldar à sua negregada ganância. A vida e o interesse dos consumidores também passarão a ser privilégio exclusivo de negociantes e vendilhões. Os vendedores de viveres não se demoraram a seguir o exemplo da Associação dos Lojistas. Lá foram ontem reclamar do governo que lhes fôsse dada a liberdade de roubar, não se mantendo leis e decretos que cobram a alta de preços, o desvairamento dos lucros. Não querem que os açambarcadores e especuladores sejam mais perseguidos, que os preços de consumo sejam fixados e fiscalizados.

Não querem, mesmo, que se desempenhe a fiação dos seus julgamentos — que nunca se efectuam — para enganar o ingénueo consumidor que supõe-se defendido desinteressadamente por uns sujeitos que têm a sua fatia no bolo dos negócios ilícitos.

E o governo — ora, pois — vai satisfazer-lhes o desejo: o tribunal dos açambarcadores, que nunca teve efeitos, senão para obrigar o consumidor a pagar as multas impostas a raros comerciantes, vai desaparecer. O amorio Tribunal dos Açambarcadores vai ser extinto. As reclamações dos vendedores de viveres prometeu o ministro da Justiça dar-lhe toda a atenção, aquela atenção que não merecem as reclamações das classes espoliadas.

Vamos, enfim, sentir o peso brutal da ganância impune e desenfreada das "fórcas vivas", num momento em que a casta de saqueantes e especuladores se julgam com direito incontestável a subordinar os interesses da população, que produz o que se vende e consome por alto preço o que produz, dos mesquinhos e particulares interesses de comerciantes.

E à população só fica o recurso de protestar sem deixar de ser agredida — em nome da ordem pública...

## "A Batalha" foi nomeada sócia benemérita da Liga dos Amigos dos Hospitais

Recebemos a seguinte carta:

Sr. Director: — Tenho a honra de comunicar a v. que em sessão da assembleia geral extraordinária desta Liga, ontem realizada sob a minha presidência, foi proposta pela comissão executiva e aprovada por aclamação, a nomeação desse jornal como sócio benemérito da Liga dos Amigos dos Hospitais, em testemunho de reconhecimento pelos valiosos serviços que à mesma tem prestado. Oportunamente será enviado v. o diploma da nomeação.

De v. etc., o presidente, José Pontes.

A Batalha sensibilizada com a resolução da benemérita Liga dos Amigos dos Hospitais, envia-lhe a expressão do seu profundo reconhecimento e declara francas as suas colunas para a defesa de todos os assuntos que possam interessar à vida dos hospitais.

## INSTRUÇÃO

Os professores de educação física dos liceus, procuraram ontem, novamente, o sr. ministro da instrução para tomarem conhecimento da sua resposta à reclamação por elas apresentada na véspera.

O sr. dr. Arthur Ricardo Jorge declarou que mandava suspender a circular que aqueles professores tinham restringido direitos nos conselhos escolares.

Leia o Suplemento de A Batalha

## A ANSIA DE ENRIQUECER...

### Prossegue o rosário escandaloso das burlas da Inocência das queixas das "inocentes" vítimas

PORTO, 23.—O caso popularmente conhecido pelo "Ida 'Inocência' foi, infelizmente, um vulcão de lama que eruptiu em condições bem tristes. É certo que este éminente e desastrado caso de burla reciproca são sinais bem vincados do tempo-só lógicos reflexos transmitidos para a "baixa", pelas altas vigarices, pelas elevadas roubalheiras de longada efectuadas pelas classes predominantes, que orientam a porca da nossa sociedade...

O acontecimento de mútua pafaria rapiñadora que se desenvolveu à volta da referida "Inocência", foca bem o estado devorista, a situação moralmente desagradadora, a que toda a nossa declinante civilização está a chegar.

Temos de rectificar a opinião expandida: não se trata, como dissemos, da exploração do homem pela mulher, em substituição à fórmula da exploração do homem pelo homem, mas da exploração da mulher pelo homem — porque outra coisa não significa essa verdadeira quadrilha de *souteneurs* só moral e monetariamente falando, é claro — que se criou desavergonhadamente para *cravar nos negócios da dita "Inocência"*...

Nós não queremos fazer romance desta questão. Tão sómente pretendemos explicar que sentimos uma profundiíssima mágoa por estarem envolvidos neste vigarismo negócios individuais que, pelo seu passado, pelas suas afirmações, pelo seu conhecimento entre as classes trabalhadoras, tinham uma maior obrigação moral de se não deixarem emisuir nessa nojica que se avolumou em derredor daquela que, a final, foi a que menos vigariso...

Porque, sejamos francos: não foi a Inocência, como erradamente a princípio supozemos, que explorou, que roubou, os "inocentes" depositantes. Estes, num número restrito, é que chuparam — que lapararam a "Inocência"... Essa número restrito de devoristas é que conseguiram de terceiros, de quartos, de quintos, avultados capitais para serem emprestados, ou antes: depositados nas mãos bancoráticas da Inocência. Esse número restrito de rapinantes intermediários, recebia da banqueira o juro de x e pagava aos terceiros, aos quartos, aos quintos, à razão de u, s e q — cuja terceiros, quartos e quintos foram formando uma outra rede de relações prestamistas por sua conta.

Directamente com a Inocência só intermediaria estava uma meia dúzia de tratantes... a aproveitar-se da finura da negociação jurista...

Enquanto a Inocência foi girando com um depósito de duzentos ou trezentos contos, bem a coisa esteve: pondo êsse dinheiro no negócio da arrematação, por ocasião de leilões, aliançaria; no subsidamento de contratadores de bilhetes ou de novos empresários do estúpido, do bestial, selvagem jôgo de box ou futebol — ela ia conseguindo cobrir, com os lucros do seu negócio variado, os juros de 100\$00 por cada 1.000 escudos aos devoristas sem capital, pagando êstes, por metade ou menos de metade, aos verdadeiros donos do capital que o emprestaram aos directos correspondentes punham, então, a dinheirama roubada por aquele processo, a render, junto com os juros, muitas vezes, daqueles que lhes confiavam dinheiro, na caixa da aludida Inocência...

Assim se foi multiplicando o dinheiro, pela velocidade da multiplicação dos pés de Cristo, de muitos pelintras — até que, desequilibrando-se a bateira, visto que o capital depositante, mercê da acumulação dos juros sobre o capital e sobre os próprios juros dos juros, chegou a tal ponto e impediu de se o poder empregar todo em negócios seguros — se tornou impossível pagar os compromissos a todos, vendo-se obrigada nesta altura pela força da empenhosa das necessidades, a aceitar todo o dinheiro que lhe entregavam, a fim de poder tapar um buraco deixando logo outro a descoberto. Até que... se descobriu o escândalo...

Quere isto dizer que a Inocência não tinha a sua cota de responsabilidade? Não; quer que isto significar que à quadrilha de coimões, de vivedores, de vigaristas intermedianos que foram jogando com o capital alheio — pertenciam, repetimos, criaturas que, pelo seu passado, pelas suas afirmações, deveriam ter mais um pouco de senso, de dignidade, de cautela... Entre elas há um tal Albino Pinto de Magalhães, antigo propagandista da classe dos alfaiates, antigo defensor dos inquilinos, antigo militante da questão operária, e anti-clerical. Julgando que o mundo... vigarizar nunca se acabava, chegava a dizer: "Quando era eu a vida corria-me sempre torta. Agora que já creio em Deus, a minha vida corre mais desanuviada, mais feliz..."

Federal daquela maneira... E o caso é que o negócio explorativo era tanto mau, que até já tinha mobília chic, piano, já tinha emmassado as tesouras e o dedal no depósito arqueológico das antiguidades; já tinha garantido, nos lautos jantares que dava, seguidos de jazz-band, "os alunos de determinada escola, não só não aparecem na igreja para aprender a doutrina, como ainda vêm para a porta da sacristia fazer figas e caretas aos que estão. Ora, preguntou: se os pais, evidentemente, não os mandam, quem os manda, pois? Faço a pregunta. Cada um que responda..."

Tal insinuação, falsa e tendenciosa, revelava claramente um fim: criar no espírito dos pais das crianças, valendo-se da sua triste ignorância, pois são na quase totalidade analfabetos, uma certa relutância em mandar os filhos à escola do professor atingido, na dúvida de que sejam mal educados, persistindo sempre que não devem mandar os filhos a uma escola onde o mestre não ensina o catecismo e diz às crianças que não há Deus. Que não ensina o catecismo é verdade, porque a escola oficial é neutra em matéria religiosa; agora, que não há Deus, é falso porque o aludido professor prova como tem mantido sempre dentro da escola a mais rigorosa neutralidade em religiões. O fim é este: conseguir que a escola não seja frequentada para manter as trevas nos espíritos à custa dos quais vive lautamente e com domínio absoluto.

Para este senhor não pode haver nesta freguesia a liberdade de pensamento. Têm de pensar todos como ele, e se alguém não vai à missa ou à confissão, ou se vai poucas vezes, aconsela os outros crentes a fugirem horrorizados dos que assim procedem, porque são indivíduos nefastos e cuja convivência é perigosíssima...

Há dias, tendo conhecimento que uma criatura desta provação lia A Batalha, chamou-o a capitulo e intimou-o a que deixasse de ler tal jornal por ser diabólico. O homem, porém, embora um pouco assustado, continuou a ler o mesmo jornal. Novo ataque e ameaça de excomunhão e assim este quase conseguiu o seu desejo. Esse cavalheiro vai deixar de ler A Batalha porque o sr. prior não quer — quanto él diga que o motivo é por o aludido jornal ter pouco papel... para embrulhos.

E' curioso tudo isto... mas é assim. Tal foi antecipadamente estudado, antes de se pôr em execução e para o desempenho de todos os cargos, os mais infimos e indignos, apareceu gente, infelizmente, a qual é o caso das guardas das oficinas da C.P. tomam uma atitude vergonhosa

Esta questão tem vários aspectos. Trazer à publicidade, dum forma rápida mas clara, é contribuir para que se desfaça a sua engenhosidade e emaranhada teia de inúmeras ramificações, alimentadas por criaturas sem escrúpulos, teia envolvente e enredadora, cujas vítimas sufocam ac seu apertado círculo.

Tudo foi antecipadamente estudado, antes de se pôr em execução e para o desempenho de todos os cargos, os mais infimos e indignos, apareceu gente, infelizmente,

E' tal o estado de egoísmo e desmoralização de certos indivíduos, que fácil se torna amoldá-los aos mais ridículos e negligentes papéis, representados com a naturalidade de quem come uma bela ação para com o seu semelhante.

E' o caso das guardas das oficinas de Santa Apolónia. Se fosse possível arquivar nas nossas colunas todos os seus gestos, praticados contra os operários que morrem durante o dia, enquanto eles nadam fazem, gestos causadores das grandes injustiças, nessas condições deprimentes que vimos descrevendo.

Basta, porém, que duma forma geral analisemos a missão dessas guardas, para facilmente se deduzir a sua maravilhosa... ação nos despedimentos ou castigos do pessoal operário.

Recrutados no meio dos guardas reformados da polícia ou ex-guardas dessa corporação, elas são os melhores elementos que a Companhia poderá ter escolhido para a acintosa perseguição aos ferroviários. São ótimos auxiliares do engenheiro-generante das oficinas gerais. São até mesmo muitoiores do que êste, porque sendo também uns explorados, não têm consideração alguma pelos que junto de si trabalham, nas condições deprimentes que vimos descrevendo.

Com o vírus que lhes foi inoculado na sua vida policial, os guardas das oficinas são uns autênticos polícias à paisana, não sentindo remorso algum nas perseguições que originam.

Rispidos para com os operários, incorrectos e por vezes insolentes, alguns defendendo as ideias mais reaccionárias, de acordo com os dirigentes da Companhia, intrometendo-se no trabalho do pessoal, numa atitude arrogante e boçal.

Apontemos alguns dos seus actos. Há tempos um operário encontrando-se na hora do descanso vendo passar dois pais, exclamou ironicamente: "Já perdi uma corona... Um dos guardas que estava próximo e ouviu participou o caso, e sabem qual o resultado?

O operário foi castigado com meio dia! Pois nem lhes achará este facto estupendo! Pois foi assim mesmo.

Os guardas das sentinelas não consentem que os operários troquem qualquer palavra quando ali vão. Na sua homossexualidade, missão de vigilantes, esperam para dentro das retretes, a ver se algum ferroviário está desmornado..., contando os minutos de desmora.

O chefe dos guardas recomenda-lhes que têm de apresentar serviço, se éles, então, andam farejando por todos os lados. O mesmo chefe proíbe os referidos guardas de falar com o pessoal, tendo sido despedido um há tempos, por se dar bem com os operários.

Ontro caso edificante: na oficina de fundição desapareceu um alicate. O dono queixou-se. Ao meio dia todo o pessoal dessa oficina foi palpado. Esta humilhação tem o pessoal sofrido por várias vezes. Depois dos operários saírem foram os armários arrumados e revistados pelos guardas. O pessoal ao regressar da refeição indignou-se e parecia disposto a não trabalhar, sem que lhe fosse dada uma satisfação. Foi ne-

cessário o engenheiro e contra-mestre da secção apaziguar os animos que se encontravam justamente exaltados.

Pois às 17 horas desse dia, todo o pessoal da referida secção foi novamente apalpado!

## A GUERRA DE CLASSES

### Os mineiros ingleses não se quebrantam na sua luta super-humana contra o capitalismo

A greve dos mineiros prolonga-se há mais de dois meses, sem estar ainda em via de solução. Todas as negociações têm fracassado de encontro à cerrada intransigência de operários e patrões, os primeiros escudados na sua indestrutível razão, os segundos fechados no seu particular interesse.

A maior esperança, num acordo, se bem que fosse provisório, nasceu da mediação tentada pelos chefes da igreja protestante; mas esta intervenção nada tem conseguido de positivo, nem, mesmo, consegue fazer que se pressinta uma solução no domínio das realidades.

Uma nova conferência entre os chefes da igreja protestante e os dirigentes das Trade-Unions ficou aprazada para o fim da semana corrente. Pouco se pode esperar, contudo, dessa nova refinaria.

Alguns financeiros andam já seriamente preocupados com o indefinido prolongamento do conflito mineiro. Foi tornada pública a opinião de um desses financeiros, segundo a qual a Inglaterra aprofunda a crise rústica consoante se demore uma solução qualquer.

Uma das soluções apresentadas consiste num empréstimo à indústria carbonífera, até à importância de cinco milhões de libras. O reembolso seria feito pela contribuição de um "penny" por tonelada de carvão vendido. Assim, a maior parte do reembolso sobrecarregaria os mineiros que, de represaria, inutilizada, ficariam com os salários reduzidos. E' que, dos lucros advindos da exploração industrial, 82 %, caberiam ao pagamento dos salários.

O economista Wise propõe um adiantamento de 10 milhões feito pelos proprietários das "royalties", que seriam restituídos pelos proprietários das minas logo que a indústria se desafogasse.

Diversos banqueiros e várias personalidades industriais foram oferecer aos mineiros empréstimos que garantissem as subvenções. Os operários declaravam sempre que não se interessavam pelo financiamento da indústria e os proprietários,

por sua vez, denegaram igualmente um interesse semelhante. Ficou, em face dos mineiros, a decisão acerca da reorganização industrial. Porém, Cook, o activo secretário geral da Federação, fez sentir que aqueles patrões que tivessem necessidade de modernizar os seus processos industriais, e disso fôssem impedidos pela falta de capital, aceitariam, sem constrangimento, um empréstimo a longo prazo.

Aos quatro dirigentes da Federação dos Mineiros, Smith, Cook, Richards e Richardson encontram-se agora em Paris, no intento de assistirem à conferência internacional dos mineiros.

A exportação de carvão para Inglaterra será uma das questões mais importantes a debater nessa conferência, ao mesmo tempo que alguma resolução se tomará no que respeita à solidariedade para com os mineiros ingleses.

A boicotagem desejava em favor dos mineiros, encontra, infelizmente, dificuldades quase insuperáveis. Primeiramente, os trabalhadores das docas e dos transportes não se dispõem a embargar o carvão estrangeiro. Na América, a boicotagem será depressa inutilizada pelo grande número de operários não sindicados, sobre os quais os sindicatos não podem exercer qualquer influência. Ao mesmo tempo, o governo inglês compra grandes quantidades de carvão na América e aceita os excessos dos estoques franceses das repartições.

Os mineiros ingleses manifestam o desejo de que franceses, belgas e alemães, na próxima conferência de Paris acordem definitivamente na maneira de reduzir a produção e de agir energeticamente no respeitante às exportações de carvão.



**MARCO POSTAL**

Odeceixe.—José Ramires do Silva—  
Recebemos vale de 28\$50. Assinatura paga  
até 15 de Junho, p. p.  
Santa Bárbara de Nexe.—José Pinto  
Coutreiras.—Recebemos 28\$50. Assinatura  
paga até 30 de Junho, p. p.

**Policlínica da Rua do Ouro**

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Médicos, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-  
ciso—Às 8 horas.  
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo—10 horas.  
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel—10 horas.  
Pele e sifilis—Dr. Correia Piqueiredo—11 e às  
3 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—  
2 horas.  
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.  
Gastrite, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—  
12 horas.  
Estômagos e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 ho-  
ras.  
Doenças das crianças—Dr. Emílio Paiva—2 horas.  
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 ho-  
ras.  
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5  
horas.  
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.  
Câncer e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.  
Raio X—Dr. Alceu Saldanha—4 horas.  
Análises—D. Gabriel Beato—1 hora.

**POLICLÍNICA POPULAR**RUA MORAIS SOARES, 114  
(Telefone, 5460-Norte)

Cirurgia, operações, às 15 horas—Dr. Abel da Cunha.  
Estomago, intestinos e figado. Clínica geral, às 11 horas—Dr. Eduardo Neves.  
Coração e pulmões. Clínica médica, às 15 horas—Dr. Leão da Silva.  
Boca e dentes, desde as 9 horas—Dr. Domingos Pereira.  
Doenças das crianças, às 12 horas—Dr. Funes de Matos.  
Doenças da nutrição. Clínica Geral, às 16,30 horas—Dr. Camelo Ferreira.  
Doenças dos olhos, às 14 horas—Dr. Caetano S. Oliveira.  
Pele e sifilis, às 11 horas—Oliveira Feijão.  
Doenças das senhoras, às 17,30 horas—Dr. Isidro Pereira.  
Garganta, nariz e ouvidos, às 10,30 horas—Gomes Coelho.  
Rins e vias urinárias, às 12,30 horas—Dr. J. de Fontoura Madureira.  
Raio X—Dr. Alceu Saldanha.

ANÁLISES CLÍNICAS  
VACINAS**Policlínica da Estrela**

Rua Domingos Sequeira, J. M., r/c—Lisboa  
TELÉFONE TRINDADE-202  
Doença dos rins e vias urinárias, às 10,30 horas—Dr. Antunes Prior.  
Clínica cirúrgica—Operações, às 16,30 horas—Dr. Bastos Gonçalves.  
Olhos, nariz e garganta, às 9,30 horas—Dr. Carvalho.  
Sifilis e doenças venéreas, às 11 horas—Dr. Carlos dos Santos.  
Clínica médica, coração e pulmões, às 16 horas—Dr. Drummond Borges.  
Doenças grávidas—puérperas, útero e anexos—Doenças das crianças, às 12 horas—Dr. José Bonito.  
Estomago, ligado e intestinos—Dr. da nutrição (diabetes), cota, obesidade, às 14 h.—Dr. Lutz Quicote.  
Clínica geral, às 14 h.—Dr. Manuel d'Assumpção.  
Doença da pele e velejologia, às 15,30 horas—Dr. Caeiro Carrasco.  
Análises clínicas—Vacinas, às 15 horas—Dr. Marques Manacás.  
Doenças dos olhos, às 9,30 h.—Dr. Sertório Senn.  
Doenças de nariz e dentes—Prótese, 12,30 horas—Dr. Viegas Xavier.  
Raio X—Radioterapia, às 10 horas—Dr. Aleu Saldanha Cruz.  
D. Nervosas e Mentais—Electroterapia, às 16 h.—Dr. Luiz Pacheco.  
Criopedia—Massagem—Gimnástica médica, às 15 horas—Dr. Salazar Carreira.

**LIMAS NACIONAIS**

**UNIÃO**  
MARCAS REGISTADAS  
LIMA NACIONAL, LTD., Ltd.  
Companhia Portuguesa de Limas  
Experimentou, para as suas marcas, as mais  
recentes e eficazes ferramentas para a fabrica-  
ção de ferragens para

**Edições SPARTACUS**

Acaba de aparecer:  
A Teor... Libertária ou o Anarquismo,  
por Campos Lima, 3000.  
Entre Vinhados e Pomares (novela), por  
Mário Domingues, 6500.  
No Sertão d'Africa (contos tradicionais  
indígenas), por Manuel Kopke, 6500.  
A venda nas livrarias e na administração  
de A Batalha.  
Depósito: Livraria Renascença, ru-  
a Poias de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

**Chapelaria A SOCIRE**

Cooperativa dos Operários Chapeleiros  
Grande sortimento em chapéus, licos e mes-  
clas em cores indissimilares, formatos  
dos mais famosos fabricantes estrangeiros

**GRANDE NOVIDADE**

Especialidade  
em chapéus  
de seda

**FLAMÃO**

Chapéu mole, novo modelo americano muito  
elegante, só de seda  
Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fer-  
nandes da Fonseca, 25, 1.º

**ESTABELECIMENTOS**

Séde:—31, Rua Fernandes da Fon-  
seca, 33

1.ª Sucursal:—Rua dos Poiais de  
S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal:—Rua do Corpo San-  
to, 29

3.ª Sucursal:—Rua do Arco Mar-  
quês de Alegrete, 56-52

FÁBRICA DE BONETS — Chapéu modelo  
Jauré (Exclusivo)

TUDO AOS MONTES



A todos interessa)

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, ALEN-  
tejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda,  
Mozambique, Congo, Guiné, etc.  
Não tem agentes a casa

**FREIRE NEM QUERE**, PREFERINDO  
RECEBER OS TÉMOS REGULAREM PELA PREÇO 40\$00

MAIS BARATO que o custo das mercen-  
tias, mas, FACAM ses pedidos directos, para se  
rem bem servidos e rápido à GRANDE FABRI-  
CA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que  
curam para sempre e letras esmaltadas para ruas,  
estabelecimentos, etc., emblemas lindos e bar-  
atos. São feitos com medaçalhas para cortar  
com faca, ou com faca e régua, ou com régua  
de metal branco com máquina e lâminas GI-  
lletes, 55\$00. Navetas, máquinas para cortar ca-  
bele, máquinas para cortar cabos, tesou-  
ros, etc., etc., etc., que outros vendem  
25\$00 e 30\$00, é que outros vendem  
ouro e 4\$00, que os outros vendem pelo dóbro  
carneiros. CARIMBOS, numeradores auto, a  
repetires o número até 12 vezes, dito para che-  
car se a picar o número e com data, selos em  
parafuso, sainetes para roupas e roupas, etc., etc.,  
selos de selar, marcas e logo, etiquetas de metal  
para sardinhias, fitas de metal para lógo, caixas,  
lábiros, etc., etc., etc., que outros vendem  
5\$00 e 10\$00, que os outros vendem pelo dóbro  
carneiros. ETC.

Ernesto da Silva. — Teatro livre e  
Arte Social.

Landauer. — Social Democracia.

R. Mola. — O princípio do fim.

\*\*\* A maçonaria e o proletariado.

I. Most. — Peste religiosa.

João P. da Ribeira

Definições sociais.

Horas anarquistas (versos).

\*\*\* Carnet de Pensamento.

I. Bakunine. — O sentido em que so-  
mos anarquistas.

Chueca. — Como não ser anarquista.

B. Lazare. — A Liberdade.

J. Etivant. — A minha defesa.

Kropotkin.

Os bastidores da guerra.

Moral anarquista.

O espírito revolucionário.

O estudo e o seu papel histórico.

J. Guedes. — Lei dos Salários.

Briand. — A greve geral.

Roland. — Rússia Nova.

O sindicalismo e os intelectuais.

D. Carvalho. — A gestão sindical no  
período revolucionário.

A. Hamon. — A crise do socialismo.

J. Santos. — A transformação da  
sociedade.

Nuno Vasco.

Georgicas.

Greve de inquilinos, teatro.

... Proletariado Histórico.

G. Archinot. — A Revolução so-  
cial e o Sindicalismo.

Carlos Rates. — Aditadura do pro-  
letariado.

Emilio Chappelier. — Porque não  
creio em Deus.

Naocundido a SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora.

Sapatos em verniz.

Boas preças (grande salão).

Boas brancas (salão).

Grandes saídas de boas preças.

Boas de cor para homem.

Naocundido a SOCIAL OPERARIA

Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria e das Casas da

18-24, com Filial na mesma maria, n.º 45.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

1\$00

**ESTE SEGURO IMPÕE-SE A  
TODOS OS TRABALHADORES**

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-  
rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imedi-  
atamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS  
garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-  
SAIS pagos enquanto vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famí-  
lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Sede -- Rua Garrett, 95

LISBOA

IMPORTANTE:

Mediante um ligeiro sobre-prémio,  
A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

**Livros em espanhol****A venda na administração  
de A BATALHA**

Mi Comunismo, Sebastião Faure 10\$00  
La Revolución Social em Fran-  
cia, Miguel Bakunin (2 volumes) 20\$00  
Cartas a uma mulher sobre la  
anarquia, Luis Fabré 25\$00  
La Ucrania revolucionária,  
Augustin Souchy 15\$00

Anarquismo e organização, Ro-  
dolfo Rocker 15\$00

Entre campesinos, E. Malatesta 15\$00

Miguel Bakunin, J. Guillaume 15\$00

Los anarquistas (Estudo e repli-  
ca) Lombroso y Mellá 5\$00

Errico Malatesta, Max Nettlau 6\$00

Artistas e Rebeldes, R. Rocker 9\$00

Nicolai, Romain Rolland 4\$00

Soviet o Dictadura?, Varin 15\$00

El Estado moderno, Kropotkin  
Dictadura y Revolución, Luiz Fabré 5\$00

Bolshevismo y Anarquismo, Ro-  
dolfo Rocker 10\$00

Problemas universitários, Lelio  
O. Leno 1\$00

La Revolución, José Torralvo 1\$00

Dios y el Estado, M. Bakunin 3\$00

Paginas selectas, Multatuli 3\$00

Ensaios y Conferencias, Pedro  
Gori 3\$00

Dos años en Russia, E. Goldman 3\$00

Quinet, Falaz 2\$00

La pena de muerte, G. Alomar 1\$00

El Teatro del Pueblo, V. de  
Pedro 1\$00

El Teatro del Pueblo, por Valen-  
tin Pedro 1\$00

Acción Directa, por Angel Pesta-  
ña 1\$00

Unicamente eficaz para as doenças da PELE

Esta criança foi torturada por uma forte combinação, Depois de ter usado várias pomadas e outros remedios que aos pais aconselharam, resolvem curar o médico, o qual recebeu um frasco de HERPETOL

que tinha a propriedade de curar rapidamente, forçando a criança a manter permanentemente coceira, logo as primeiras aplicações de HERPETOL sentiu-se imediatamente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desparecido.

É um frasco usado em todos os casos de eczema, hirsutismo, seco, manchas, erupções, espasmas e mordidas de insetos.

Herpetol é vendida em todas as farm

# A BATALHA

## Os Caminhos de Ferro do Estado estão ameaçados pela cupidez das empresas particulares

Pretextando um déficit nas contas dos Caminhos de Ferro do Estado pensa-se, ao que se diz, dás-lhe de arrendamento. Acabará, pois, em breve a regie dos Caminhos de Ferro, dizem os jornais. E o sr. ministro do Comércio confirma-o pela boca do seu ajudante, como diz a imprensa.

Muito bem. Está posto o dilema: A' custa do pessoal, miseravelmente pago, trabalhando sem horário e esforçando-se por obter a melhoria de situação financeira dos Caminhos de Ferro num esforço quantas vezes superior às suas forças, foi possível equilibrar as contas desse importante serviço. Estabeleceu esse equilíbrio a pesadas inúmeras concessões do Estado a diferentes entidades que se servem dos Caminhos de Ferro e que produzem sensíveis baixas das receitas, arrendam-se, mesmo aos espanhóis ou a quem as pretender, as linhas do Estado.

Não se faz questão da pessoa que arrenda—pretende-se, apenas, que ela apresente trazendo dinheiro, o malito dinheiro!

Aura sacra famis!, diz o latínio.

E como a questão é de dinheiro, acabe-se com a regie dos Caminhos de Ferro mas não se toque na amaldiçoada regie dos Tabacos, excomungada por meio mundo numa gritaria infernal que feriu durante tanto tempo os nossos timpanos.

Só fôsssemos democráticos, oh! como nos riríamos da nossa formidável derrota...

Procuremos serenamente, e com toda a imparcialidade, apreciar a questão, se nos é lícito fazê-lo. As verdades custam às vezes maus bocados, mas nós pertencemos ao número dos que entendem que aquela que conecta a verdade e a oculta é um cobarde.

A passagem dos Caminhos de Ferro do Estado vem sendo metódicamente estudada e preparada desde 1923, pelo menos. Constitui, porém, um enorme embaraço para essa empresa a deplorável situação financeira de então, dos Caminhos de Ferro. Fez-se a reorganização dos seus serviços e reduziram-se 5.000 a tal empregados—que, diga-se de passagem, cícam todos trabalhando por serem indispensáveis—que passaram a ser considerados adidos e, portanto, pagos por receitas estranhas. Esse número está reduzido a um décimo na ocasião presente, mercê de circunstâncias várias.

Como se vê, o terreno estava desbravado e só faltava oportunidade para passagem.

Preste, quem deve a sua homenagem ao sr. Rosa Mateus que, pelo processo já exposto, soube preparar esse terreno, e não faltou quem afirmasse que o autor da reorganização tinha na passagem dos Caminhos de Ferro interesses especiais. Não o afirmamos, mas não deixamos de acreditar e cá temos nossas razões.

Veio o novo administrador, sr. Pinto Teixeira, que, parece ter sido um obstáculo ao arrendamento, das linhas do Estado. Condenava, como se pode concluir da carta que ainda ultimamente escreveu ao Séc. desmentindo os que afirmam haver déficit nos Caminhos de Ferro. Registemos a afirmação que tem, para nós, valor absoluto.

O Estado pôria côbro às concessões que não tivessem a justificativa imperiosa motivo e, garantimos, até em nome de todo o pessoal ferroviário, que os Caminhos de Ferro do Estado progrediram.

Tente o governo isso.

Interesse directamente o pessoal na administração ferroviária e proceda, então, com todo o rigor em casos de má administração.

Nós somos portugueses não temos a pretensão de supor que os portugueses em vidas mais largas que os povos dos outros países de quais a Europa inteira, cujos Caminhos de Ferro estão na posse do Estado, esforçaram-se aqueles como a Inglaterra e a Alemanha por resgatar o resto das suas linhas e, neste último país, sómente, para garantir de empréstimo, o Estado teve necessidade de alienar as suas linhas férreas.

Detém, pois, nas suas mãos esse importantíssimo ramo de serviço, o Estado na maioria dos países.

Eles lá sabem porque rasão...

Adriano MONTEIRO  
Presidente da União Ferroviária

P. S.—Li melhor a carta que o sr. Pinto Teixeira enviou à O Séc. e verifiquei que esse senhor não condena a passagem dos Caminhos de Ferro a uma empresa particular, antes a aceita, embora tenha posto essa questão de uma forma velada que me levou ao equivoco que desejo rectificado, a bem da verdade.

Com isto, vão-se as ilusões acerca da questão e do sr. Pinto Teixeira, para aqueles que ainda as tivessem.

A. M.

## Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano desse interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4500.

Encadernação (por capas e índice), 2050.

Capas e índice em separado, 1550.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

## Tribunal de Desastres no Trabalho

Realizaram-se ontem, neste Tribunal, os julgamentos das seguintes causas:

Francisco Sousa Lopes Junior, aprendiz de mecânico em madeira, que perdeu os dedos do pé esquerdo quando ao serviço da Parceria Vinícola Portuguesa, a qual foi condenada a pagar ao sinistrado a pensão mensal de 25\$18 nos termos do § 1º do artigo 13º do decreto 5637, a partir do dia 26 de Abril de 1925. Manuel da Silva, pedreiro, contra José Pereira, que foi absolvido por se provar que o desastre não deu incapacidade para o trabalho; Manuel de Moura, pedreiro ao serviço do Hospital Militar de Belém, condenado este estabelecimento a pagar ao sinistrado 270\$00, importância de 2½ das suas receitas correspondentes a 27 dias de incapacidade; António Rodrigues, descarrador; condenada a Companhia "Lex", na importância de 289\$24, por se provar que o sinistrado não abandonou as prescrições clínicas.

Mas, continuemos: Só para o Minho e Douro foram compradas para cima de 30.000 travessas e a grande quantidade de material que esteve imobilizado e por reparar durante a guerra e por motivo da greve foi todo reparado nas nossas oficinas o que representa um importantsíssimo esforço que nem a própria C. P. conseguiu realizar.

No Sul e Sueste fizeram-se, igualmente, importantes reparações que são justificadamente um orgulho do povo daquela linha. Ascendem a mais de 5.000 contos das importâncias tiradas das suas receitas para melhoramento das linhas do Estado, o que junto ao saldo positivo com que fecharam as contas de 1925, representa bem o esforço a que atulimos.

Ainda em 1924 o déficit era de 41.000 contos!

Não há, pois, déficit nos Caminhos de Ferro do Estado que em 1925 apresentavam, pelo contrário, um saldo superior a 5.500 contos!

A situação financeira dos Caminhos de

## A polícia de Leiria pratica barbaridades contra homens indefesos

LEIRIA, 23.—A polícia de Leiria matou, durante um longo ano, um pobre rapaz acusado de roubo. E porque lhe caíram garras, espacaram-no, martirizaram-no, deram-lhe fome e tanta, que o obrigaram a dizer que tinha cometido o crime!

Mas não, tal não tinha sucedido! O rapaz estava inocente, como inocentes nós estamos de todos os crimes que nos impõem. Os criminosos, os verdadeiros criminosos, andam fardados, estão ali, em Leiria, fazendo serviço por conta do Estado, fabricando a golpes de cavalo-marinho, tarados e assassinos!

E os carrascos de todos os países, que em América do Norte se vão reunir para deliberarem a forma mais prática, de matar, devem descer até Leiria, interrogar a polícia da cidade, escolhendo entre elas o matador mais exímio.

Leiria tem carrascos para seu uso, e pode fornecer por grosso e a retalho.

O ano passado, aí, por 12 ou 13 de Outubro, foi assaltada uma relojoaria pertencente ao sr. Aníbal Mendes.

O roubo foi todo de religiosos, e foi importante, porque os gatunos levaram o que encontraram.

E o roubado, pessoa que vivia do seu trabalho, viu-se em sérios embaraços, porque o roubo desacreditou-lhe a oficina e (fácilmente compreendido) escasseou-lhe o serviço.

Foi então acusado desse roubo, um rapaz que exercia a profissão de barbeiro, e que morava perto da oficina assaltada.

O rapaz, que se chama Raúl Fidalgo, negou que tivesse praticado semelhante roubo.

Enviado para Leiria, a polícia não se contentou com o que tinha dito o preso, e entrou, para o obrigar a confessar, encerrou-o num enxova subterrânea, com dois metros de profundidade, completamente inacessível. A masmorra não tinha luz, era lóbrega, sinistra de aspecto. Davam-lhe tanto alimento uma sopa indigesta, em dias alternados. No dia em que nela davam, era o desgraçado obrigado a alimentar-se a água! Ia a par e passo definindo-se suas faces amarelecendo, tornando a cor da cicatrizes, seu físico ia ressentindo-se com a vileza.

Mas não pára por aqui a infâmia. Depois da fome a pancada, como vamos ver. Devemos dizer que a vítima esteve encerrada naquele «in pace» 8 infundáveis dias. Bloqueavam-no constantemente com interrogatórios, ao que a vítima respondia invariavelmente que não tinha roubado, que estava inocente. Saturados de interrogarem desta forma, certo dia entraram no acanhado subterrâneo, amarraram-no a uma porta, azorragaram-no selvaticamente com um marmeleiro e cavalo-marinho.

Não contentes com isto, pegaram num banco e bateram-lhe com ele! Mas os instintos tigrinos das feras não ficaram satisfeitos com isto. Era necessário fazer mais, levar a tortura mais longe, cometer maior e mais iniquitável barbaridade. Como ainda estava amarrado, contorcendo-se com dores, chorando, mascando juras, apelando por tudo para abrir uma clareira de clemência, naquelas corações de pedra, os carrascos selvagens e insensíveis, acenderam uma vela, retardando todo aquele serviço para que o preso adivinhasse o que lhe ia suceder!

Vais confessar, disseram!

—Estou inocente, balbuciu o desgraçado.

Então, friamente, chegaram a vela acesa às unhas do paciente, que fortemente manteve, não podia esquivar-se ao atroz martírio.

As unhas contraiam-se e no meio daqueles dôres horríveis o desgraçado gritou num misto de dor e horror: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode a vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizera.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com dozejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrem os religiosos no Pinhal da Feira, a Marinha Grande.

Considerando que declarara ultimamente feitas por um indivíduo português a farsa de um grande horrore: «Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!»

As teras levantavam-se, resfolgaram ruídosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode